

Plantas medicinais utilizadas em transtornos do sistema geniturinário por mulheres ribeirinhas, Caravelas, Bahia

Medicinal plants used in genitourinary system disorders by riverine women, Caravelas, Bahia

DOI 10.5935/2446-4775.20170019

¹PAIVA, Kariny O.*; ¹OLIVEIRA; Gisele L.; ¹FARIAS, Danilo F. A.; ¹MÜLLER, Taina S.

¹Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Paulo Freire, Bahia.

*Correspondências: karinyppaiva@gmail.com

Resumo

O uso de plantas na cura de enfermidades ainda é comum entre vários povos e bastante observado em comunidades ribeirinhas. Desse modo, o objetivo deste estudo foi conhecer as espécies vegetais utilizadas como medicinal, para transtornos do Sistema Geniturinário, por mulheres integrantes da Colônia de Pescadores Z-25 do município de Caravelas-BA, assim como suas formas de uso e manipulação. O estudo foi realizado em comunidades do distrito de Ponta de Areia, povoado de Barra de Caravelas e na Reserva Extrativista do Cassurubá. As entrevistas semiestruturadas e conversas informais foram realizadas com 40 mulheres, selecionadas a partir da técnica “Bola de Neve”. Um total de 13 espécies vegetais foram indicadas para o cuidado ginecológico e/ou urinário, distribuídas em nove famílias botânicas, sendo as mais representativas Asteraceae (3 spp.), Anacardiaceae (2 spp.) e Malvaceae (2 spp.). Conforme os relatos, as espécies são utilizadas no tratamento da candidíase, corrimento, infecção urinária, ferida uterina, inflamação pélvica, hemorragia pélvica, reposição de hormônios, menopausa, cólica menstrual e ferida uterina. As plantas medicinais citadas possuem, em sua maioria, hábito do tipo herbáceo (7 spp.), seguido pelo arbóreo (4 spp.) e arbustivo (2 spp.).

Palavras-chave: Sistema Geniturinário. Etnobotânica. Plantas medicinais. Técnica “Bola de Neve”. Mata Atlântica.

Abstract

The use of plants in the cure of diseases is still common among many folks and still quite observed in riverside communities. Thus, the aim of this study was to identify the plant species used as medicine for disorders of the genitourinary system by female members of the Colony of Fishermen Z 25 in the city of Caravelas, Bahia, as well as their forms of use and handling. The Study was conducted in communities belonging to the municipality of Caravelas: Ponta de Areia district, Barra de Caravelas thorp and on Cassurubá's Extractive Reserve. The semi-structured interviews and informal conversations were performed

with 40 womens, selected from the "Snowball" technique. A total of 13 plant species were indicated for the gynecological and/or urinary care, distributed in 9 botanical families, being the most representative Asteraceae (3 spp.), Anacardiaceae (2 spp.) e Malvaceae (2 spp.). Mostly, the species are used in the treatment of candidiasis, discharge, urinary tract infection, uterine wound, pelvic inflammation, pelvic bleeding, hormone replacement therapy, menopause, menstrual cramps and uterine wound. The cited medicinal plants have, in most cases, the herbaceous type habit (7 spp.), followed by arboreal (4 spp.) and shrubs (2 spp.).

Keywords: Genitourinary System. Ethnobotany. Medicinal plants. Technique "Snowball" Atlantic Forest.

Introdução

A diversidade da flora da Mata Atlântica inclui espécies utilizadas por comunidades tradicionais no tratamento de doenças através do preparo de remédios caseiros. O uso de plantas na cura de enfermidades ainda é comum entre vários povos, sendo mais evidente nos países em desenvolvimento, onde a maior parte da população pobre não tem acesso aos medicamentos industrializados (AYYANAR e IGNACIMUTHU, 2005; OLIVEIRA, OLIVEIRA e ANDRADE, 2010).

Entretanto, as condições de vida atuais e os meios de comunicação vêm comprometendo a transmissão desse conhecimento para as futuras gerações, inclusive em comunidades humanas antes isoladas, como por exemplo, pescadores e agricultores de subsistência (GANDOLFO e HANAZAKI, 2011). No entanto, a identidade cultural dessas comunidades, desenvolvida a partir da conexão cognitiva, emocional e simbólica com os recursos vegetais, não é afetada em sua intensidade, mas em seu processo (KRUGER e SHANNON, 2000), especialmente em locais distantes da Assistência à Saúde e que, ainda, necessitam dos recursos naturais no seu cuidado básico.

Assim, o estudo etnobotânico nessas comunidades torna-se interessante, sendo importante ferramenta no resgate e valorização do conhecimento tradicional, da diversidade cultural dessas sociedades e da preservação dos recursos naturais, especialmente em áreas com remanescentes de Mata Atlântica (ALCORN, 1995; ALEXIADES, 1996; BENZ et al. 2000; LADIO e LOZADA, 2004).

Na região litorânea do Extremo Sul da Bahia, detentora de extensa área degradada do bioma Mata Atlântica, substituído especialmente por monocultura de eucalipto e campos para pastagem, são escassos os estudos desta natureza. Dessa forma, com uma abordagem etnodirigida, este trabalho objetivou conhecer as espécies vegetais utilizadas como medicinal, para Transtornos do Sistema Geniturinário, por mulheres integrantes da Colônia de Pescadores Z-25 do município de Caravelas, Bahia, suas formas de usos, manipulação e indicações terapêuticas.

Material e Métodos

Áreas de estudo

O estudo foi realizado no litoral do Extremo Sul da Bahia, no município de Caravelas, em comunidades ribeirinhas do distrito de Ponta de Areia, do povoado de Barra de Caravelas e na Reserva Extrativista do Cassurubá (Resex Cassurubá). De acordo com IBGE (2016), a vila de Caravelas foi fundada em 1581 e elevada à condição de cidade e sede municipal em 1855 (autor). Possui 21.114 habitantes (IBGE, 2016) e apresenta uma cultura tradicional interiorana enraizada, principalmente por estar inserida em uma área de Floresta Atlântica e banhada pelo rio Caravelas. Atualmente, o município é ponto turístico de embarque para o arquipélago de Abrolhos, detentor de grande biodiversidade.

Na região, a Colônia de Pescadores Z-25 de Caravelas, fundada em 1952, tem como missão a representação, a assistência e defesa da classe de trabalhadores da pesca artesanal e atividades aquícolas, com presença expressiva de mulheres que se uniram e fortaleceram o grupo feminino dentre os pescadores.

Levantamento Etnobotânico

O estudo etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas para fins ginecológicos foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com 40 mulheres-informantes pertencentes Colônia de Pescadores Z-25. Essas mulheres lidam e têm contato com a água constantemente. Muitas são marisqueiras e por falta de assistência à saúde em áreas isoladas, como na Resex Cassurubá, utilizam de ervas no cuidado ginecológico.

Inicialmente foram realizadas visitas quinzenais à área de estudo destinadas a um prévio entrosamento e para obtenção do consentimento formal das informantes, que assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. As informantes foram selecionadas utilizando a técnica “Bola de Neve”. As espécies citadas foram coletadas de forma dirigida, ou seja, com o auxílio do informante e as exsiccatas foram identificadas.

Resultado e Discussão

Das 40 mulheres entrevistadas é importante ressaltar que 21 são residentes na Reserva Extrativista do Cassurubá, convivendo diretamente com a Floresta Atlântica e as demais residem em áreas urbanas: povoado Barra de Caravelas (14) e distrito Ponta de Areia (06).

Um total de 13 espécies vegetais foram indicadas para cuidados e/ou tratamento de Transtorno do Sistema Geniturinário e estão distribuídas em 09 famílias botânicas. As famílias mais representativas foram Asteraceae (três espécies), Anacardiaceae (duas) e Malvaceae (duas) (**TABELA 1**).

TABELA 1 – Espécies medicinais usadas para Transtorno do Sistema Geniturinário por mulheres da região de Caravelas, Bahia, com indicação da família botânica, nome científico e vernacular, indicação terapêutica, órgão vegetal utilizado (farmacógeno), forma de uso e origem (nativa do Brasil ou exótica). (*)

Família / Espécie	Nome Vernacular	Indicação Terapêutica	Órgão Vegetal	Forma de Uso	Origem
Anacardiaceae					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Candidíase, corrimento, inflamação pélvica, ferida uterina e cicatrização.	Entrecasca	Decocção e banho de assento.	Nativa
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Candidíase, corrimento, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização e coceira.	Folhas	Pomada; infusão; decocto para banho e lavagem.	Nativa
Apiaceae					
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Erva doce	Cólica pélvica e menstrual.	Folhas e flores	Decocção	Exótica
Asteraceae					
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrastro	Candidíase, corrimento, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização e menopausa.	Ramo com folhas e flores	Decocção e banho de assento.	Nativa
<i>Bidens pilosa</i> L.	Pique-agulha	Infecção urinária	Folhas	Infusão	Nativa
- (*)	Marianinha	Cólica menstrual	Folhas e flores	Decocção	-
Crassulaceae					
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Saião	Infecção urinária, inflamação pélvica, corrimento	Folhas e flores	Decocção e xarope	Exótica
Fabaceae					
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Candidíase, corrimento, Inflamação pélvica, ferida uterina e cicatrização.	Entrecasca	Decocção para beber e banho	Nativa
Malvaceae					
<i>Abutilon bedfordianum</i> (Hook.) A. St.Hil. & Naud.	Malva	Candidíase, corrimento, ferida uterina, inflamação pélvica e menopausa.	Folhas	Decocção para beber e para banho.	Nativa
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Candidíase, corrimento, ferida uterina, inflamação pélvica e menopausa.	Folhas	Decocção para beber e para banho.	Exótica
Moraceae					
<i>Morus alba</i> L.	Amora	Reposição hormonal para menopausa	Folhas	Infusão	Exótica
Myrtaceae					
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jaboticaba	Hemorragia pélvica, ferida uterina e corrimento.	Entrecasca e folhas	Decocção e infusão	Nativa
Plantaginaceae					
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Candidíase, corrimento, ferida uterina, inflamação pélvica e infecção urinária.	Folhas	Decocção	Exótica

A família Malvaceae possui distribuição predominantemente pantropical com várias espécies de importância econômica. No Brasil está representada por 80 gêneros e 400 espécies aproximadamente. Anacardiaceae já é encontrada em regiões tropicais e subtropicais, com ocorrência no país com 15 gêneros e 70 espécies. Já a família Asteraceae, considerada a maior das Angiospermas e com distribuição cosmopolita, é bem mais representativa no Brasil, com 300 gêneros e 2000 espécies (SOUZA e LORENZI, 2005).

As indicações terapêuticas foram citadas, principalmente, para o tratamento da candidíase, corrimento, inflamação pélvica, ferida uterina, menopausa, hemorragia menstrual e reposição hormonal. A principal forma de preparo para a utilização medicinal citada foi o decocto, que pode ser utilizado para ingestão ou banho. Segundo Motta, Vale e Lima (2016) esta é a forma mais comum no preparo de receitas na medicina tradicional. Os banhos são comumente utilizados pela comunidade e seguem uma recomendação mais amena, no qual, qualquer menina sem menstruar ou portar qualquer uma dessas patologias ou transtornos geniturinários, podem fazer uso, vindo a servir também como prevenção.

As espécies consideradas mais importantes pelas informantes e mais citadas foram *Stryphnodendron adstringens* (Barbatimão), *Anacardium occidentale* (Caju) e *Schinus terebinthifolium* (Aroeira). A aroeira é também indicada como anti-inflamatória e cicatrizante ginecológico pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2011). O uso da casca da Aroeira é indicado, com base na tradição popular, na forma de cozimento (decocto), especialmente por mulheres em banhos de assento após o parto, como anti-inflamatório e cicatrizante, ou como medicação caseira para o tratamento de doenças do sistema urinário e hemorragias uterinas (LORENZI e MATOS, 2002).

O Barbatimão também possui indicações, na literatura, do uso do decocto da casca para hemorragias uterinas e corrimento vaginal (LORENZI e MATOS, 2002). O Caju e Barbatimão (*Stryphnodendron cariaceum*) foram as duas espécies mais citadas em um estudo etnobotânico realizado por Agra e Dantas (2007), para o tratamento de doenças do Sistema Geniturinário.

As plantas medicinais citadas possuem, em sua maioria, hábito do tipo herbáceo (espécies), seguido pelo arbóreo (quatro) e arbustivo (duas). Também, a maioria, foram espécies nativas (oito), seguidas das exóticas (quatro) e uma não foi possível identificar em nível de família e de espécie. A folha é o órgão vegetal mais utilizado no preparo das receitas, assim como em outros trabalhos (CUNHA e BORTOLOTTI, 2011; ALVES e POVH, 2013), seguido pela entrecasca. Muitas vezes se utilizam os ramos (folhas com flores) por se tratar de herbáceas menores e sempre floridas, como é o caso do mentrasto (*Ageratum conyzoides*). A utilização de folhas de forma mais frequente é importante, pois além de mais fácil acesso, promove a conservação do recurso vegetal, permitindo o desenvolvimento e a reprodução da planta, caso a retirada da parte aérea não seja excessiva (BELIZÁRIO e SILVA, 2012).

O presente estudo mostrou que há alta indicação de chás para o tratamento de enfermidades do Sistema Geniturinário pela comunidade feminina estudada, no entanto, é preciso tomar cuidados, pois ao mesmo tempo, em que as plantas apresentam propriedades benéficas na sua constituição química, também possuem substâncias tóxicas (MOTTA, VALE e LIMA, 2016; PINTO, MACIEL e VEIGA JUNIOR, 2005). É difícil mensurar através das informações obtidas pelas informantes o risco de intoxicação, pois, corroborando com Motta, Vale e Lima (2016), não há discriminação exata da quantidade do material a ser

coccionado, nem do número de dias que este deveria ser ingerido, pois utilizou-se nas entrevistas o termo “punhado” para descrever a quantidade da parte da planta e “até passar” para a quantidade de dias de ingestão, se referindo à patologia ou transtornos, o que chama atenção novamente para a falta de conhecimento sobre a toxicidade do material vegetal.

Conclusão

As mulheres-informantes demonstraram uma grande utilização de plantas medicinais para doenças do Sistema Geniturinário, evidenciado especialmente nas moradoras da Reserva Extrativista de Cassurubá, que utilizam maior número de espécies nativas. O estudo mostra também que o conhecimento popular e a prática da medicina tradicional estão ainda muito presentes em área isolada e de difícil acesso à Assistência Básica de Saúde.

Referências

AGRA, C. A.; DANTAS, I. C. Identificação das plantas medicinais indicadas pelos raizeiros e utilizadas pelas mulheres no combate a enfermidades do aparelho geniturinário na cidade de Campina Grande – PB. *Revista de Biologia e Farmácia*, v. 1, n. 1, p. 1-13. 2007. ISSN 1983-4209. [\[Link\]](#)

ALCORN, J. B. *The scope and aims of ethnobotany in a developing world*. In: SCHULTES, R. E; REIS, S. V. (Eds.), *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Portland Oregon: Dioscorides Press, p. 23-39, USA. 1995.

ALEXIADES, M. N. (ed). Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York: The New York Botanical Garden, *Advances in Economic Botany*, 306 p. 1996. ISBN 0893274046. [\[Link\]](#)

ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. UFSC. *Revista Biotemas*, v.26, n.3, p. 231- 242. Florianópolis. 2013. ISSN 2175-7925 [\[CrossRef\]](#)

AYYANAR, M; IGNACIMUTHU, S. Traditional knowledge of *Kani tribals* in Kouthalai of Tirunelveli hills, Tamil Nadi, India. Elsevier. *Journal of Ethnopharmacology*. v.102, p. 246-255. India. 2005. ISSN 0378-8741. [\[CrossRef\]](#) [\[PubMed\]](#)

BELIZÁRIO, T. L.; SILVA, L. A. Abordagem etnobotânica no tratamento de parasitoses em comércios de fitoterápicos e numa comunidade rural em Uberlândia-MG. *Enciclopédia Biosfera*, Centro Científico Conhecer. v.8, n.15, p.1730-1739. Goiânia. 2012. ISSN 2317.2606. [\[Link\]](#)

BENZ, B. F; CEVALLOS, J.; SANTANA, F; ROSALES, J.; GRAF, S. M. Losing knowledge about plant use in the Sierra de Manantlan biosphere reserve. Mexico. Springer. *Economic Botany*. v.54, p.183-191. USA. 2000. ISSN 1874-9364. [\[CrossRef\]](#)

BRASIL. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Formulário de Fitoterápicos da *Farmacopeia Brasileira*. 126 p. Brasília. 2011. [\[Link\]](#)

CUNHA, S. A. DA; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *SciELO. Acta Botânica Brasilica*, v.25, n.3, p.685-698. Belo Horizonte. 2011. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#)

GANDOLFO, E.S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *SciELO. Acta Botânica Brasilica*, v. 25, n.1, p.168-177. Belo Horizonte. 2011. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#)

IBGE. [\[Link\]](#) Acesso em: 14 set. 2016.

KRUGER, L.E.; SHANNON, M.A. Getting to Know Ourselves and our places through participation in civic social assessment. *Society and Natural Resources*, v.13, n.5, p. 461-478. USA.2000. ISSN 0894-1920 [\[CrossRef\]](#)

LADIO, A. H; LOZADA, M. Patterns of use and knowledge of wild edible plants in distinct ecological environments: a case study of a Mapuche community from Northwestern Patagonia. Springer. *Biodiversity and Conservation*. v.13, p.1153-1173. ISSN 1572-9710. USA. 2004. [\[CrossRef\]](#)

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 512p. 2002. ISBN 8586714186.

MOTTA, A. O.; VALE, C. R.; LIMA, D.C.S. Levantamento do uso de Plantas Medicinais em um Centro de Educação Infantil em Goiânia – GO. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 14, n. 1, p. 629-646. 2016. ISSN 1517-0276.

OLIVEIRA, G. L; OLIVEIRA, A. F. M.; ANDRADE, L.H.C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. *Acta Botânica Brasilica*. v.24, p. 571-577. Belo Horizonte. 2010. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#)

PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M.; VEIGA JUNIOR, V. F. Plantas Medicinais: Cura Segura? *Química Nova*, v.28, n. 3, p. 519-528. São Paulo. 2005. ISSN 1678-7064 [\[CrossRef\]](#)

SOUZA, V.C. E LORENZI, H. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação de famílias de Angiospermas da flora brasileira baseado em APGII*. 1ª ed. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 2005. ISBN 85-86714-21-6.

Conflito de interesses: O presente artigo não apresenta conflitos de interesse.

Histórico do artigo: Submissão: 15/09/2016 | Aceite: 07/10/2017 | Publicação: 25/09/2017

Como citar este artigo: PAIVA, K; OLIVEIRA, G. L.; FARIAS, D. F. A., MÜLLER, T. S. O. Plantas medicinais utilizadas em transtornos do Sistema Geniturinário por mulheres ribeirinhas, Caravelas, Bahia. *Revista Fitos. Supl.* p. 92-98. Rio de Janeiro. 2017. e-ISSN 2446.4775. Disponível em: <<http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/399>>. Acesso em: 11 maio 2017.

Licença CC BY 4.0: Você está livre para copiar e redistribuir o material em qualquer meio; adaptar, transformar e construir sobre este material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente, desde que respeitado o seguinte termo: dar crédito apropriado e indicar se alterações foram feitas. Você não pode atribuir termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam outros autores de realizar aquilo que esta licença permite.
